

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LUYDH CARLOS XAVIER FERREIRA

**UM BAIRRO NÃO INTITULADO DO RECIFE, O ALTO SANTA ISABEL: Formação
e suas relações com o bairro de Casa Amarela e bairros próximos.**

**RECIFE
2024**

LUYDH CARLOS XAVIER FERREIRA

**UM BAIRRO NÃO INTITULADO DO RECIFE, O ALTO SANTA ISABEL: Formação
e suas relações com o bairro de Casa Amarela e bairros próximos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Geografia da universidade federal de Pernambuco, centro acadêmico de Recife, como requisito para a obtenção do título de professor em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Priscila Batista Vasconcelos

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ferreira , Luydh Carlos Xavier .

Um bairro não intitulado do Recife, o Alto Santa Isabel: Formação e suas
relações com o bairro de Casa Amarela e bairros próximos. / Luydh Carlos Xavier
Ferreira . - Recife, 2024.

45 : il.

Orientador(a): Priscila Batista Vasconcelos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Dualidade territorial. 2. Modos de vida. 3. Racismo. 4. Alto Santa Isabel
. I. Vasconcelos, Priscila Batista . (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

LUYDH CARLOS XAVIER FERREIRA

**UM BAIRRO NÃO INTITULADO DO RECIFE, O ALTO SANTA ISABEL: Formação
e suas relações com o bairro de Casa Amarela e bairros próximos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso
de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do
título de Professor em Geografia.

Aprovado em: 25 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof (a) Dr. Priscila Batista Vasconcelos (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco



Documento assinado digitalmente

PRISCILA BATISTA VASCONCELOS

Data: 21/06/2025 10:06:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Felipe Luís Maciel da Silva

Instituto Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho as seguintes pessoas:

Minha mãe, Maria Francisca Xavier; meu Pai Padrasto, Carlos José de Lima; Minhas irmãs: Veridiana Maria Xavier de Oliveira, Thaís Maria Xavier Ferreira e Tamires Maria Xavier Ferreira. Ao meu irmão Veridiano Severino Xavier de Oliveira. Meus sobrinhos: Mateus Vinicius, Verisson de Oliveira, Miguel Oliveira e Lavínia Vitória. Não posso me esquecer de citar meus cunhados: Anderson Fraga e André Lima e a Emanuelle Rayane. De fato, o apoio de minha família foi imprescindível para a minha caminhada, não só acadêmica, mas em toda minha vida.

Aos meus amigos do Ginásio Pernambucano da Aurora; Arnaldo, Yasmim, Italo, Evelyn, Daniel, Bruno, Cecília e Caio. Eles me ajudaram a mudar meus pensamentos sobre o ensino superior, me influenciando a seguir um caminho no ensino superior.

Aos meus amigos de localidade e aos que fui encontrando no decorrer da vida: Eder Vagner, Júnior Oliveira, Thiago e Selmo Luiz. Tais amigos me ensinaram diversas coisas, uma delas é ser resiliente, ter força para enfrentar as adversidades que a vida impõe.

Aos meus amigos em que criei laços de amizades dentro na universidade: Milena, Wesley, Pablo, Guilherme, Emanuel, Vitória, Bruno. Ao ingressar na universidade acreditava veemente que não faria mais laços de amizades, pois, tinham uma noção de competitividade no qual foi ladeira abaixo quando me deparei com as pessoas antes mencionadas. Se cheguei à conclusão do curso, com certeza eles me ajudaram de diversas maneiras e agradeço demais por tê-los comigo.

Também gostaria de agradecer a todas as pessoas que compõem o grupo de estudos Geni. Sem dúvidas foi imprescindível o apoio e rodas de conversas que tivemos durante mais 1 ano, sendo inicialmente às segundas e posteriormente às quintas. Dentro desse Grupo de Pesquisa, pude conhecer e pedir orientação à maravilhosa Professora, Doutora Priscila Batista Vasconcelos, no qual me orientou por mais de 1 ano e não me deixou na mão, me ajudou a desenvolver o meu presente estudo. Agradeço demais tamanha ajuda prestada.

Peço desculpas se faltou alguém nesses quase 5 anos de vida acadêmica na universidade federal de Pernambuco. De toda forma, fui ajudado por inúmeras pessoas e peço que mesmo que seu nome não esteja nessa simples lauda, sintam-se agradecido por mim.

É necessário sempre acreditar que o sonho é possível

Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível

Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase

Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem

Que a sua família precisa de você

Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder

(Racionais MC`s)

RESUMO

O presente estudo visa esclarecer quais fatores contribuíram para a ocorrência dos fenômenos de dualidades territoriais, dentro de um território do bairro de Casa Amarela, o Alto Santa Isabel, no Recife. Tais segregações são oriundas da formação histórica do Brasil e impactaram na configuração do Recife, resultando na formação da dualidade presente entre o Alto Santa Isabel e Casa Amarela. Considerou suas dualidades sociais, raciais e econômicas, o conflito silencioso do Alto Santa Isabel das demais áreas de casa amarela, em sua maioria, áreas com altos valores econômicos, imposições sociais fortes e silenciosas. O estudo baseia-se em metodologias que incluem: pesquisa comparativa, histórica, de campo e pesquisa etnográfica. Tais metodologias foram essenciais para a coleta de informações históricas e contemporâneas, compreensão de questões sensíveis e conclusões para o presente tema do trabalho. As causas expostas ao longo do texto trazem consigo explicações para o presente, utilizando o passado para elucidar grande parte dos problemas atuais. Os diferentes territórios e modos de vida foram, em sua maioria, criados por meio de uma longa formação histórica da cidade do Recife, baseada em imposições, concepções racistas, condições econômicas diferentes, redes de solidariedades, políticas públicas diferentes para cada território. A principal contribuição deste trabalho é evidenciar a imposição racista na formação do alto Santa Isabel, suas redes de solidariedade, lutas urbanas sociais silenciadas pelo legado urbano racista proveniente de mais de 500 anos de Brasil.

Palavras-chave: Dualidade territorial; Modos de vida; Racismo; Alto Santa Isabel

SUMMARY

This study aims to clarify which factors contributed to the occurrence of territorial duality phenomena within a territory of the Casa Amarela neighborhood, Alto Santa Isabel, in Recife. Such segregations originate from the historical formation of Brazil and impacted the configuration of Recife, resulting in the formation of the duality present between Alto Santa Isabel and Casa Amarela. It considered their social, racial and economic dualities, the silent conflict of Alto Santa Isabel with the other areas of Casa Amarela, most of which are areas with high economic values, strong and silent social impositions. The study is based on methodologies that include: comparative, historical, field and ethnographic research. Such methodologies were essential for the collection of historical and contemporary information, understanding of sensitive issues and conclusions for the present theme of the work. The causes exposed throughout the text bring with them explanations for the present, using the past to elucidate many of the current problems. The different territories and ways of life were, for the most part, created through a long historical formation of the city of Recife, based on impositions, racist conceptions, different economic conditions, solidarity networks, and different public policies for each territory. The main contribution of this work is to highlight the racist imposition in the formation of Alto Santa Isabel, its solidarity networks, and urban social struggles silenced by the racist urban legacy from over 500 years in Brazil.

Keywords: Territorial duality; Ways of life; Racism; Alto Santa Isabel.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

RPA - REGIÃO POLÍTICA ADMINISTRATIVA

ZEIS - ZONAS ESPECIAIS DE INTERESSE SOCIAL

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FORMAÇÃO DA CIDADE DO RECIFE.....	16
2.1 O início do Recife.....	16
2.2 Invasão dos Holandeses.....	17
3 DESDOBRAMENTOS DA PRÉ E PÓS ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA.....	21
3.1 Recife Pré e Pós abolição da escravatura.....	21
3.2 Fim dos mocambos recifenses.....	24
3.3 Formação de bairros no Recife.....	26
4 FORMAÇÃO DO BAIRRO NÃO INTITULADO DO RECIFE E SEUS ENTORNOS.....	31
4.1 Formação de Casa Amarela.....	31
4.2 Formação do Alto Santa Isabel.....	33
4.3 Descrição do Alto Santa Isabel.....	36
4.4 Alto Santa Isabel, sua rede de solidariedade e dinâmica com outros morros.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A cidade do Recife apresenta uma dualidade racial, social e econômica na qual foi iniciada no processo de formação do Brasil, onde resultou nas dicotomias de vidas de pessoas em pequenos ou grandes territórios. A vida da maior parcela da população brasileira segue traços do passado, vivendo em locais de morros ou áreas impróprias com baixos índices de políticas públicas. Enquanto isso, áreas dominadas por pessoas racialmente brancas, socialmente e economicamente mais fortes concentram maior parte de ações de políticas públicas e outras formas de continuação de legados urbanos racistas. Para Milton Santos (1996/1997), a localização dos homens e a moradia são um tipo de cidadania mutilada, injustiça secular, cumulativa e estrutural. Essas e outras dicotomias, que serão apresentadas no decorrer deste estudo, são de um bairro da cidade do Recife, nos quais são provenientes de um passado datado da época onde o país era colônia. Dito isso, é indissociável a relação da cidade com traços negros. O visível passa a ser oculto por uma ampla ação histórica por parte de pessoas ligadas ao estado ou organizações não governamentais, sendo o Recife um grande exemplo da tentativa de dissociação com a escravidão (MICHELLE, 2020).

O racismo estrutural, presente desde a formação do Brasil devido ao colonialismo e o sistema escravista, impôs ao longo dos séculos distinções de grupos raciais. Essas distinções, que mais tarde passaram a ser tratadas como questões sociais, refletiram em desigualdades econômicas e na diferença de apoio prestado pelos agentes públicos a cada grupo presente no território.

Todas as condicionantes antes mencionadas geraram contrapontos, a exemplo do que é observado na zona norte do Recife, onde em localidades de áreas planas existe uma concentração maior de moradias verticalizadas ou casas com grandes dimensões. Esses locais contam com políticas públicas de qualidade, segurança e proteção social, enquanto localidades em áreas de morro concentram, em sua maioria, moradias em menor dimensão, menor porcentagem de políticas públicas e condições sociais mais vulneráveis. Somente nesse comparativo, aparecem as divergências econômicas, raciais e sociais enquanto localidade de moradia, tipo de moradia e porcentagem de visibilidade e ação governamental, sem mencionar a segurança pública que é diferente em cada local.

De acordo com Milton Santos (1981, p.190), “Existem duas ou diversas cidades dentro da cidade. Tais criações são resultados de fatores históricos e contemporâneos no qual diz respeito à luta de classes.”, onde “O fazer cidade pertence aos grupos socialmente mais representativos, que participam como sujeitos históricos (...)”, (CAMPOS, 2004, p.19). No Brasil, historicamente, quem mais ascendeu ao poder foram pessoas ligadas às famílias ricas e brancas, nas quais eram socialmente mais importantes na localidade em que viviam. Um exemplo presente na história brasileira foi a política café com leite, na qual representantes de São Paulo e Minas Gerais revezaram o poder presidencial do país por um certo período de tempo. Esses grupos utilizaram o poder do setor público para atender em maior quantidade e qualidade os seus próprios interesses e deixaram tudo aquilo que não os interessava de lado. “(...) E o fato de que a classe média goze de privilégios, não de direitos, que impede aos outros brasileiros de ter direitos.” (Milton Santos, 1996/1997, p.134). Dito isso, questões relacionadas ao racismo, às políticas públicas de qualidade para minorias sociais, acabaram ficando de lado por um grupo seleto de pessoas onde, através de tal poder, moldou a sociedade brasileira desde os tempos antigos.

Daí porque a análise das situações do preconceito no Brasil supõe um estudo da formação socio-econômica brasileira. Não há outra forma de encarar o problema. tudo tem que ser visto através de como país se formou, de como o país é e de como o país pode vir a ser. Tudo isso se inclui na realidade da formação socio-econômica brasileira. O passado como carência, o presente como situação, o futuro como uma perspectiva. (MILTON SANTOS, 1996/1997, p. 135).

O Alto Santa Isabel está dentro da Região Política–administrativa (RPA) de Casa Amarela, imposto pelo planejamento de Recife. Diante disso, por se tratar de um território de um bairro, há certa ideia de uma uniformidade, por exemplo, na disseminação de recursos públicos para todas as localidades do bairro. À primeira vista, imagina-se que existe um sentimento homogêneo de pertencimento do bairro ou no simples ir e vir dos seus moradores em todas áreas que compõem o bairro. Essas características antes mencionadas, são características de inúmeros bairros do Recife, porém, os aspectos de uniformidades de um bairro se quebram dentro do bairro de Casa Amarela ao simplesmente caminhar entre a área de morro e a área plana. Segundo Santos (1981, P. 220), “Dentro da cidade, a acessibilidade aos diferentes serviços varia em função da renda de cada grupo social. As “distâncias

interiores” da cidade são imensas e parecem, inclusive, intransponíveis”. Tal concepção, em uma escala menor, se torna uma evidente realidade se comparamos o Alto Santa Isabel à algumas localidades próximas da estrada do Arraial, ambas dentro do bairro de Casa Amarela. De certa forma, a desigualdade racial e econômica geram inúmeras fronteiras invisíveis que moldam desde a vestimenta de uma pessoa até a cor da pele em cada local. Onde “As “fronteiras invisíveis” organizam as experiências de espaço, definindo comportamentos aceitáveis e pertencimentos – na verdade, campos de possibilidades e limites, cujo aprendizado é crucial para a reprodução social desta ordem.” (SANTOS E, et al 2012, p.58). Tais fronteiras invisíveis geram a dinâmica presente no bairro onde, por exemplo, quem é do Alto Santa Isabel não desce com frequência para áreas da parte rica de Casa Amarela, e quando descem, é para prestar serviços ou acessar serviços públicos que estão na parte plana. Entretanto, os moradores da parte rica não sobem com frequência para o Alto Santa Isabel, pois não prestam serviços ou acessam algum equipamento público naquela localidade. O que precisam, eles já tem. Essa fronteira invisível pesa muito mais para as pessoas em condições de vulnerabilidade social e econômica, em grande parte, os moradores do Alto Santa Isabel.

A vestimenta e a cor de pele deflagram questões de preconceito racial, social e econômico, no qual faz muitas pessoas deixarem de transitar por inúmeros locais. Isso se dá pelo medo de passarem por situações de violência que podem acontecer casos de racismo, preconceito econômico e outros tipos de atos criminosos que machucam tanto o físico quanto o mental de uma pessoa.

“O modelo cívico Brasileiro é herdado da escravidão, tanto o modelo cívico cultural como o modelo cívico político.” (Milton Santos, 1996/1997, p.135). Sendo assim, o racismo está presente no cotidiano brasileiro desde os tempos antigos, ficando dentro dessa fronteira invisível e visível ao mesmo tempo. O oculto é sentido ao notar olhares, escutar e ler comentários. Diante de uma predominância de pessoas negras nos morros do Recife, o silêncio racial presente na história do Brasil muda de contexto e se torna uma gritante realidade ao simplesmente caminhar nestes bairros. Antes mesmo da era colonial brasileira, o negro era visto com menções depreciativas ao redor do mundo. Através disso, no sistema escravista brasileiro, reforçou-se ações violentas de força para manter a relação domínio e dominado, “(...) além da força como meio para manter esse violento equilíbrio, recorreu-se oportunamente aos estereótipos e preconceitos através de uma

produção discursiva. (MUNANGA, 2009, p.21). Inúmeras produções em diversos âmbitos foram disseminadas e incluindo aquelas de cunho “cientista”, onde o racismo científico se fez presente. Dele vieram inúmeras obras para justificar a colonização e criar certas “verdades”, uma delas “(...) relativa à superioridade dos brancos dogmaticamente confirmada; outra, à inferioridade congênita dos negros. (MUNANGA, 2009, p.21). Todas as artimanhas possíveis foram utilizadas para legitimar o ato colonizador perante os colonizados. Muitas artimanhas ainda perduram no psicológico do negro brasileiro, afinal:

A desvalorização do negro colonizado não se limitará apenas a esse racismo doutrinário, transparente, congelado em ideias, à primeira vista quase sem paixão. Além da teoria existe a prática, pois o colonialista é um homem de ação, que tira partido da experiência. Vive-se o preconceito cotidianamente. Conjunto de condutas, de reflexos adquiridos desde a primeira infância e valorizado pela educação, o racismo colonial incorporou-se tão naturalmente aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista. (MUNANGA, 2009, p. 27).

Dessa forma, a grande parcela de população negra do Alto Santa Isabel acaba não frequentando muitos dos locais que, em tese, fazem parte de seu bairro. Na maioria dos bairros recifenses, há um certo fluxo interno de mercadorias, pessoas indo comprar algo, lazer, entre outras formas que compõem a vida de um bairro. Sendo que, este fluxo se dá, normalmente, em bairros nos quais os fatores antes mencionados como, raciais, sociais e econômicos são mais uniformes. Com a uniformidade, o acesso a todo o território do bairro torna-se mais fácil, como é o caso do Vasco Da Gama, zona norte do Recife, localidade essa que faz fronteira com a RPA de Casa Amarela. Os moradores do Alto Santa Isabel sentem-se melhor em ir para o Vasco da Gama ao invés de ir para o resto de seu próprio bairro, tendo em vista que o Vasco da Gama se assemelha muito mais com seu estilo de vida, questões sociais e econômicas do que o resto de Casa Amarela. As regras silenciosas passam a ser entendidas ao simplesmente observar a vida dos moradores do bairro e suas escolhas de andanças.

“Cidadania mutilada na circulação. Esse famoso direito de ir e vir, que alguns nem imaginam existir, mas que na realidade é tolhido para uma parte significativa da população.” (Milton Santos, 1996/1997 p.134). Nesse caso, os moradores do Alto Santa Isabel não podem transitar pelo seu próprio bairro, razões essas antes expostas. Os moradores do Alto Santa Isabel vivem em uma dualidade territorial,

racial e com uma evidente falta de políticas públicas acarretando em dificuldades de vida. “Esse processo de segregação sócio (...) de parte da população e a degradação de suas condições de vida é o retrato das cidades brasileiras e o produto resultante do modelo de desenvolvimento excludente adotado pelo Estado” (SOUZA, 2005, p.68). A não repercussão da dualidade e evidente diferença de tratamento governamental dentro do bairro está mascarada por dados estatísticos de censos do IBGE, e até pelo senso comum, onde muitas pessoas passam pela parte plana de Casa Amarela e não imaginam que a área de morro faz parte do bairro. A dualidade é tão grande que se torna difícil relacionar uma parte com a outra. O presente estudo evidencia o que é mascarado por inúmeras ações governamentais ou privadas: a formação histórica do Alto Santa Isabel, suas lutas silenciosas urbanas e algumas de suas redes de solidariedade.

A partir dessa problemática, a presente pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como importância o processo. Tem como metodologias de procedimentos técnicos: comparativo, histórico, pesquisa de campo e pesquisa etnográfica. A metodologia de comparação pode ser utilizada para inúmeros procedimentos e uma delas é comparar as dualidades presentes no território e expor em forma de comparação as diferenças entre a parte plana e a parte de morro do bairro de Casa Amarela, território da área de estudo. A metodologia Histórica tem por finalidade de reunir informações, dados históricos onde elucida o processo de formação do atual problema e desta forma é uma das ferramentas para a fomentação de referências e argumentações sobre o referido tema de pesquisa. A pesquisa de campo tem a finalidade de evidenciar o que normalmente é escondido pelos dados oficiais do governo e proporciona uma compreensão mais profunda sobre os territórios formados por fatores raciais, sociais e econômicos. Ela examina as dualidades, os problemas estruturais mascarados por ações governamentais ou privadas e os diferentes modos de vida nas duas áreas contrastantes.

Por último, e não menos importante, a pesquisa etnográfica também faz parte deste trabalho. Um de seus objetivos é o estudo de uma realidade específica por meio da observação direta das atividades dos grupos de estudos. Dessa forma, captura-se uma compreensão e interpretação do território no qual a população de estudo se encontra, neste caso, a área do Alto Santa Isabel. Muitas das informações inseridas no texto foram adquiridas ao longo de anos de minha vivência no território. Desde pequeno, eu, morador do Vasco da Gama, uma região fronteira com o Alto

Santa Isabel, estive inserido na vida social deste território e manteve uma extensa rede de amizades. Minhas experiências nas diversas partes do bairro de Casa Amarela enriquecem as observações relatadas no texto, além de fornecer uma percepção detalhada da relação dos moradores com o território, incluindo afetividade, rivalidades com outros bairros, relações interpessoais, identificação de formas de rede de solidária como estratégia de sobrevivência e a interação dos moradores com Casa Amarela.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar e relacionar acontecimentos históricos da formação do Recife e seus desdobramentos na formação e relação entre o Alto Santa Isabel e o resto de Casa Amarela. Identificar o território do Alto Santa Isabel e os impactos de suas dualidades territoriais, sociais, raciais e econômicas.

Os específicos ficaram descritos em cada capítulo: Uma leitura epistemológica do início de Recife. Neste capítulo será exposto a formação do Recife e a invasão dos holandeses, suas relações e importâncias para o Recife; No segundo capítulo: uma análise e correlação entre o Pré e Pós abolição da escravidão na formação de novos bairros do Recife. Exposição da imposição da classe dominante, estado, as dualidades territoriais, sociais, econômicas e raciais; No terceiro capítulo identifica-se o território do Alto Santa Isabel e as outras áreas do bairro de Casa Amarela. Exposição do resultado dos acontecimentos expostos no decorrer da monografia.

2 FORMAÇÃO DA CIDADE DO RECIFE

2.1 O início do Recife

A cidade do Recife teve seu início pouco tempo após a invasão portuguesa, cerca de 40 anos depois. Segundo Bruno Maia (2010, p.63) “Quando os lusitanos iniciaram a colonização do nordeste brasileiro, um de seus principais objetivos centrava-se na fundação de uma vila que lhes servisse de capital.” Neste contexto, a cidade se iniciou na foz do rio Capibaribe através de ações dos colonizadores no qual premeditaram sua instalação em um local inicialmente adequado para suas ações de apropriação, exportação, defesa, moradia, etc. Posteriormente, este núcleo passou a ser denominado bairro do Recife. Por muitos anos, o bairro do Recife estava sob o comando da vila de Olinda. Tal vila apresenta uma grande relação histórica e de extrema importância para o desenvolvimento da cidade do Recife. A vila de Olinda serviu para muitos propósitos e os mais importantes foram a defesa, apropriação e exportação, sendo o porto como principal local de exportação. Segundo Bruno Maia (2010, p.63) “Naquelas imediações, no lugar chamado Varadouro das Naus, construiu-se um porto para atender às necessidades de uma emergente economia açucareira”. Muitos autores apontam que a vila de pescadores formada em 1537 era ligada a Olinda e, posteriormente, a expansão desse pequeno núcleo permitiu que eles se desvinculassem e se tornassem o polo mais importante da região.

A colonização de Pernambuco teve como base econômica a monocultura da cana de açúcar, e a formação do Recife – cidade situada entre o oceano, os rios e os alagados – está vinculada à exportação do açúcar. Já na sua fundação, em 1537, o Recife abriga engenhos de açúcar, originando grandes “latifúndios urbanos. (SOUZA, 2005, p.52).

No decorrer do tempo, outros dois bairros surgiram: Boa Vista e Santo Antônio, ambos estabelecidos no século XVII. Todo o resto da cidade era denominado até o século passado de arredores. Os bairros da Boa vista, Recife e Santo Antônio, formaram um núcleo e, a partir deles, o Recife foi se expandindo para o norte, oeste e o sul sobre apropriação de locais antes de engenhos, áreas rurais ou locais de mangues que foram aterrados de maneira imprópria, em muitos casos. Sobre a crescente apropriação dos então chamados arredores, “o Recife é uma cidade de

formação notadamente rurbana, visto a sua condição de porto exportador do açúcar produzido pelos engenhos que, a partir do século XVI, surgiram ao longo da Várzea do Capibaribe.” (SOUZA, 2005, p.52.).

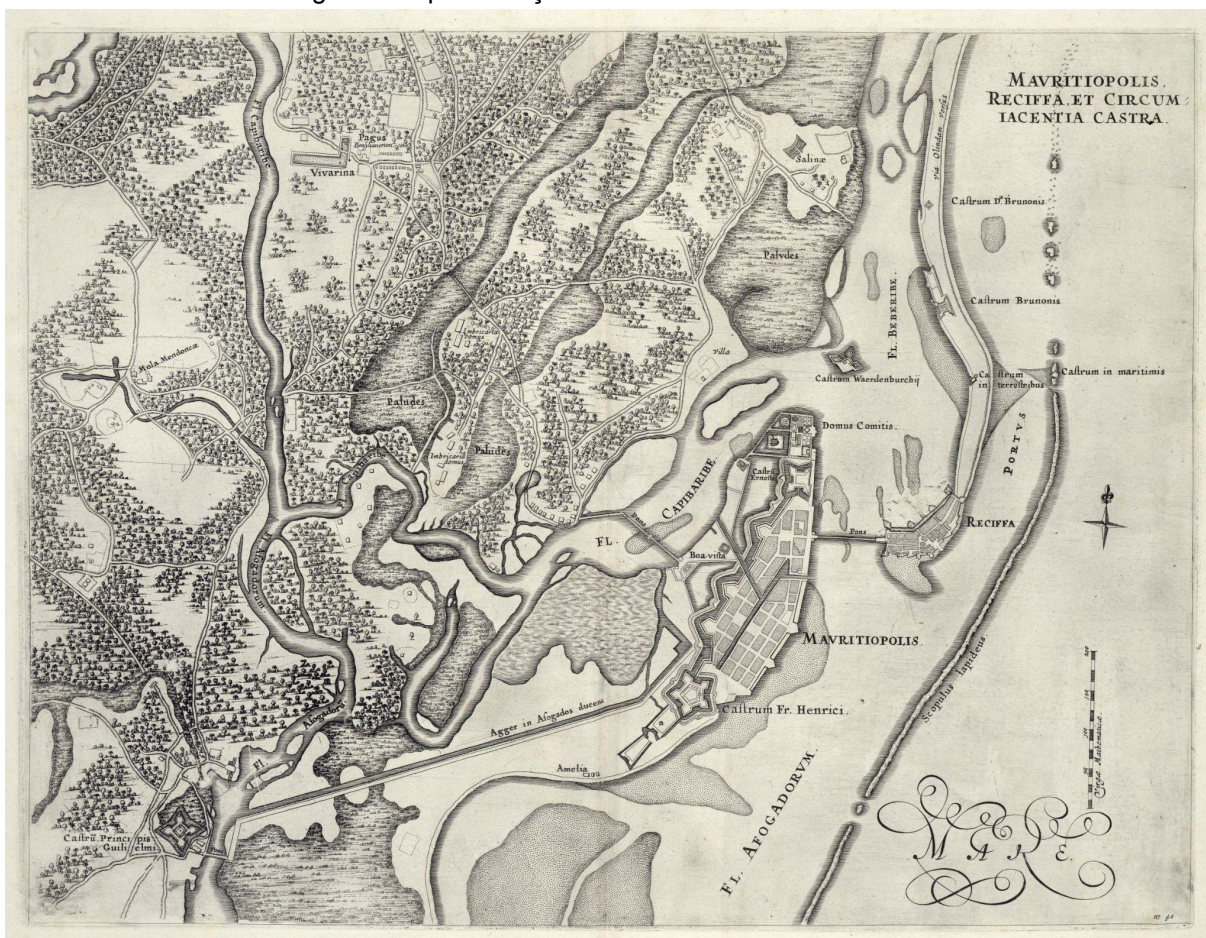
2.2 Invasão dos Holandeses

Em 1630 ocorreu um evento no qual foi de extrema importância para as localidades de Recife e Olinda, a invasão holandesa. Com tal invasão, o modo de vida desses locais mudou, pois “Eles visavam à organização da vida urbana. Suas concepções urbanísticas eram progressistas, e (...), as experiências trazidas da Holanda, adaptavam-se melhor às condições topográficas da planície flúviomarianha.” (BRUNO MAIA, 2010, p.67). No ano seguinte à conquista das terras, os holandeses iniciaram a construção do bairro portuário no Recife, que, conseqüentemente, se tornou a base da cidade. Com a visão de mundo diferenciada e com um plano ordenado para a localidade no qual invadiram, os holandeses propuseram plano urbanístico para o Recife, com construções no qual foram de extrema importância para o crescimento da cidade, sendo elas: Edificações de grande porte, redutos, aterramentos de mangues e as primeiras pontes da cidade, no qual ligaram bairros e assim aumentaram o fluxo financeiro e de pessoas.

O processo de construção se alavancou com a chegada do conde holandês Maurício de Nassau-Siegen, onde se estabeleceu na ilha Antônio Vaz. Nesta ilha, ele construiu uma cidade com traçados no qual representavam moldes norte-europeus. Foi construído um palácio para sua residência, sendo ele o Friburgo e um para o seu repouso, o palácio da Boa Vista. Vários mercados com definições foram criados: o de peixe, o de carne e o de verduras. Nassau também construiu moradias para pessoas com poucas condições financeiras, sendo elas mais ao sul, no qual foi denominada Nova Maurícia. De acordo com BRUNO MAIA (2010 p.66), “Na área central de Antônio Vaz, foram abertas ou fechadas gamboas e canais, ou ainda aterrados, locais alagadiços e encharcados, incorporando novos espaços à expansão urbana” (figura 1). Aspectos como fechamento ou abertura de canais, locais aterrados ou alagadiços foram medidas que acompanharam o crescimento da cidade do Recife e ainda são medidas utilizadas atualmente na cidade. Os holandeses também buscaram estudar sobre a fauna e flora, doenças tropicais e suas curas. Diante da forte fortificação estrutural, força econômica e aumento

populacional no qual passou a ter, o Recife se tornou a capital de Pernambuco, superando Olinda.

Figura 1: representação da cidade do Recife no ano de 1665.



Fonte: Laboratório Topográfico de Pernambuco

Desde a chegada dos holandeses às áreas que correspondem ao Recife, eles sabiam da grande quantidade de engenhos, por conta da grande importância e função da capitania de Pernambuco na produção de açúcar no mercado internacional. Devido a outros pontos e principalmente a não tomada do controle da produção do açúcar, onde havia continuado nas mãos dos donos de engenhos, os holandeses foram perdendo poder a tal modo que culminou na restauração Pernambucana em 1645. Mesmo os holandeses tendo passado menos de duas décadas no domínio do Recife, eles marcaram a cidade de tal modo que suas ideias de construções, saberes e entre outras coisas, acabaram influenciando na base do Recife.

De acordo com Bruno Maia (2010, p.70), "(...) observa-se que desde a época mais remota, os condicionantes topográficos da planície associados aos fatores de

localização geográfica, determinaram a origem e consolidação da cidade.” Tendo em vista que a cidade do Recife se iniciou nas planícies dos rios Beberibe e Capibaribe, sendo eles de extrema importância para a atividade da cana de açúcar por toda a era colonial, devido ao tipo de clima e solo presente nas áreas de várzeas no qual ajudaram e muito a produção de açúcar. A facilidade de escoamento da mercadoria e a própria mercadoria propiciaram a criação de pequenos povoados próximos aos engenhos. Quanto mais a fabricação de açúcar crescia, a necessidade de melhorar o sistema de exportação e de pessoas também aumentava, e isso culminou em diversas aberturas dentro da cidade para outros continentes.

Sendo assim, desde a formação territorial do Recife, a questão de localização geográfica foi, e é de extrema importância para as construções de forma em geral, condicionando locais mais propícios ou não a receberem incentivos do setor privado ou público.

Segundo Freyre (apud COSTA, 2001), o Recife é uma cidade de formação notadamente urbana, visto a sua condição de porto exportador do açúcar produzido pelos engenhos que, a partir do século XVI, surgiram ao longo da Várzea do Capibaribe. Muitos desses engenhos deram origem aos bairros atuais: Apipucos, Madalena, Cordeiro, Torre, Engenho do Meio, São João da Várzea, Dois Irmãos, Beberibe, Jiquiá, Casa Forte, São Paulo, Curado, Santo Antonio, São Braz, São Sebastião, São Cosme e Damião, entre esses, o Engenho São Pantaleão do Monteiro. (COSTA, 2001). Parte desse engenho São Pantaleão do Monteiro transformou-se, no final da década de 70, nas “Terras de Ninguém”. (SOUZA, 2005, p. 52).

Todos esses engenhos foram incorporados no processo de expansão da cidade do Recife, tendo alguns engenhos seus nomes permanecidos até os dias atuais. O bairro de Casa Amarela é um exemplo de um bairro no qual cresceu em local de Engenho, sendo ele o de “(...) São Pantaleão do Monteiro, um dos primeiros construídos na “Capitania de Pernambuco” na época da Nova Luzitânia (GALVÃO, 1908, apud SOUSA, 2005, p. 69).

Nos séculos XVI/ XVII, um grande marco na história econômica do Brasil aconteceu, sendo ele o forte interesse na produção da cana de açúcar devido às solicitações do mercado internacional, que era desenvolvido no nordeste e tinha o Recife como principal porto exportador do produto. Naquele momento, a cana de açúcar era umas das mercadorias mais valiosas do mundo. Toda essa carga valiosa passava pelo porto do Recife, sendo assim, criou-se a necessidade de construção de depósitos, armazéns, mecanismos de mobilidade e inúmeros trabalhadores para

a grandiosa movimentação que a cana de açúcar impôs no porto do Recife. A grande movimentação de trabalhadores proveniente da forte questão econômica da cana de açúcar culminou em pequenos povoados, onde se fixaram em localidades próximas aos seus pontos de trabalho da época.

Outros bairros foram surgindo através de pequenos povoados nas planícies dos engenhos, canaviais e se transformando em pequenas vilas mediante a “abolição da escravidão, a decomposição do “complexo rural” e o conseqüente crescimento populacional do Recife, acompanhado pelo desenvolvimento dos serviços de transportes coletivos (...)” (SOUZA, 2005, p.71).

3 DESDOBRAMENTOS DA PRÉ E PÓS ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

3.1 Recife Pré e Pós abolição da escravidão

Diante da pressão europeia e dos bloqueios no fluxo de tráfico negreiro realizados pela Inglaterra, a mesma pressionou outros países nos quais continuaram com o trabalho forçado e não remunerado a extinguir tal prática. O tráfico negreiro perdeu força nos países que ainda contavam com tal sistema. O movimento abolicionista crescia no país.

À medida que o movimento abolicionista ganhava importância junto à intelectualidade, os proprietários de escravos aderiram com maior velocidade ao instrumento de alforria. Economicamente era vantajoso, pois o Estado se obrigava a indenizar os proprietários pelas perdas, se houvesse mudança no sistema produtivo. O ex-escravo, depois de alforriado, continuou ainda discriminado pela sociedade, não importando se fosse africano, ingênuo ou pardo. Escreve RIBEIRO (1996) que esse movimento de alforria no campo talvez tenha gerado uma das maiores injustiças sociais, em função da restrição ao acesso à terra. (CAMPOS, 2005, p. 41; RIBEIRO (1996).

Diante desse cenário, se intensificava mais um dos problemas históricos do Brasil, a questão do acesso à terra. Desde a formação econômica e territorial do Brasil, a concentração de terra se consolidou nas mãos de poucos, pois a terra foi e é uma maneira de gerar fortuna no país. Tal fato decorre desde os tempos coloniais e agravou a diferença social entre os mais ricos e os mais pobres.

Tal estrutura é consequência da legislação discricionária elaborada pela elites rurais que dominavam o Legislativo e os cargos-chaves do Império, e favoreceu em muito a concentração da propriedade tanto no campo quanto na cidade, proporcionando o aumento das distâncias sociais entre os grupos mais pobres e aqueles mais ricos. (...), ao impedir que milhares de brasileiros tivessem acesso a parte das terras, ela possibilitou a existência de um exército de miseráveis que vive das sobras da sociedade. (CAMPOS, 2005, p. 20)

A crise habitacional tornou-se iminente, levando inúmeras pessoas a morarem em favelas, cortiços ou mocambos. Tais construções de moradia, “Favelas e mocambos geralmente têm suas origens nos quilombos, (...) na abolição, e em processos de gentrificação que expulsaram afrodescendentes desproporcionalmente dos centros urbanos. (MICHELLE, 2020, p.3,)”.

Se o acesso à terra foi legalmente vedado a um determinado segmento social, a questão fundiária sempre foi tratada como uma questão policial. O resultado é que massas alforriadas, juntamente com brancos, pobres, deslocarem-se para cidades ou para os quilombos periurbanos ou rurais. (CAMPOS, 2005, p. 42).

Toda a população liberta teve que escolher seu destino. Alguns ficaram nas casas dos senhorios por falta de empregabilidade, condições de sobrevivência ou medo. Porém, “Para muito negro ou pardo, sôfrego de liberdade, era o mucambo melhor que a senzala de pedra e cal, pegada à casa do senhor [...]” (Freyre, apud, MICHELLE, 2020, p.8). Nessa concepção, os negros partiram de seus locais de trabalho forçordado, com inúmeras significâncias mentais e físicas, para um local, que mesmo com toda as problemáticas, era melhor que a senzala. Assim, muitos partiram para locais que já continham outros negros, no caso, mocambos ou cortiços, ou buscaram novos locais para viver. Um dos grandes fatores para que os mocambos ou cortiços terem um aumento gigantesco populacional, foi a rede de solidariedade dos negros. Tendo essa rede uma importância na luta por sobrevivência, onde em muitos casos, ela evitava que mocambos fossem destruídos, sendo assim “A rede de solidariedade constituía, então, um forte elemento de estratégia de guerra”. (CAMPOS, 2005, p.38). Foi a troca de informações, armas, culturas e diversas formas de trocas que vieram através da interação que o negro foi inserido e seus interesses em comum. Sendo assim, ela favoreceu a ida dos negros na medida que nestes locais já se encontravam inúmeras pessoas de sua rede de amizades, favorecendo a sua luta por sobrevivência. Afinal, ter um amigo, um familiar em determinada localidade, ajuda em sua instalação.

Não é para menos que os cortiços e mocambos foram os locais que mais cresceram em termos populacionais na época. Dessa forma, justifica-se outra compreensão: a cor de pele dos mocambos ou cortiços, predominante negra. Toda uma conjuntura de formação pelos negros fugitivos, alforriados, libertos e pessoas mais pobres da sociedade encontraram e desenvolveram, foram alvos do estado. Campos explica:

As estratégias de sobrevivência e também de resistência que foram desenvolvidas pelas massas pobres, seja nos cortiços localizados na área central da cidade, seja em favelas (espaços contemporâneos), em face das várias intervenções do estado, colocaram-se sempre em condições conflitantes eminentes com o poder público. Esse estava quase sempre

associado aos interesses dos grupos socialmente dominantes.(CAMPOS, 2005, p. 22.).

No caso do Recife, o que mais aconteceu foi a concentração de mocambos no centro da cidade, a qual exibiram tons de pele negra, de modo que, estão intrinsecamente ligados à forte relação da cidade com a escravidão, ao capitalismo imobiliário e às ações privadas e estatais. Isso se relaciona com o racismo ambiental e com a desigualdade social, econômica e racial. Todas essas condicionantes refletiram nas habitações precárias de quase metade da população do Recife. Moradias precárias de barro e com telhado de palha e sem saneamento básico eram dos mocambos que estavam no centro da cidade. De acordo com (MICHELLE, 2020, p.7), “Emergindo das planícies lamacentas das marés produzidas por aquelas mesmas águas surgiam células de uma outra cidade: os mocambos, barracos rústicos que abrigavam quase metade da população do Recife.” As construções realizadas pelos mocambeiros, se assemelhavam com construções de diversos locais do continente africano e quilombolas, mais uma evidente relação com a escravidão que a pouco tempo havia se encerrado no Brasil.

Segundo Michelle (2020, p.9) “A população do Recife se expandiu rapidamente no início do século XX, crescimento impulsionado em grande medida pela migração campo-cidade.” Neste contexto, com uma grande população majoritariamente vulnerável econômica e socialmente se juntou a dezenas de milhares de negros e outras pessoas em condições de vulnerabilidade.

No “Recenseamento dos Mocambos do Recife” (1939), foi constatado uma população estimada em 164.837 pessoas que habitavam nos mocambos, significando dizer que quase 50% da população da cidade. Os mocambos somavam 45.581 moradias pobres, representando cerca de 2/3 das moradias da cidade. Desses mocambos, 67,76% eram construídos de taipa e coberto de palha, e apenas 6% eram de taipa com cobertura de telha, o que comprova a extrema pobreza dessa moradias. (SOUZA, 2002, apud SOUZA, 2005, p.65).

Os mocambos foram as soluções achadas para todos aqueles que não tinham condições de morar em outros locais, onde os altos custos de aluguéis os impediram. Sendo assim, os mocambos eram os únicos locais para onde o pobre poderia ir até um dado momento, pois, posteriormente, os altos aluguéis chegaram aos mocambos e a liga iniciou seus trabalhos. Sobre essa questão dos aluguéis:

“O “aluguel do chão”, que era uma prática institucionalizada no Recife, desde o final do século XIX, que remete aos aforamentos de terra à Igreja, ao Estado, etc., foi também adotada nas terras da Imobiliária de Pernambuco. Implica o domínio útil do imóvel, mediante a posse regularizada através de contrato, porém não envolve o domínio real que é detido pelo proprietário das terras; sendo este, também, uma forma de rendimento fundiário, no Recife, além do aluguel e venda” (SOUZA, 2005, p. 74).

3.2 Fim dos mocambos recifenses

Os contrastes só cresciam com o passar dos anos e “A partir de 1900, no entanto, os mocambos começaram a emergir como um problema social singular, alvo de uma ampla gama de preocupações.” (MICHELLE, 2020, p.8). O contraste social e racial transformado em habitações, entre classe dominante e classe dominada, era de maneira evidente no coração do Recife. Tais contrastes não foram aceitos pela elite social e, desta forma, foram criadas medidas nacionais e estaduais para destruir os mocambos.

Em recenseamento realizado no Recife, em 1913, os mocambos representavam 43,2% das habitações da cidade. Nesta fase, o discurso higienista, que desde os anos de 1850 condenava as condições de salubridade dos sobrados, voltava-se para os mocambos da cidade. No primeiro Congresso Médico em Pernambuco, em 1907, os mocambos do Recife são considerados “uma ameaça constante à saúde pública” e “um perigo sério para a parte da população mais favorecida da fortuna”. Em face dessa argumentação, um Secretário de Estado assegura que esses mocambos não poderiam, “a bem da salubridade pública, permanecer por mais tempo (...) na capital e nos seus subúrbios”. (SOUZA, 2005 p.63).

Em grande parte do país houve um processo de destruição dos mocambos ou cortiços, a exemplo do acontecido no Rio de Janeiro. Os mocambos recifenses não fugiram dos olhares da elite e foram criados diversas narrativas e formas para extinguir os mocambos, umas delas mediante a ações do estado no qual proibiam a construção ou reforma dos mocambos localizados no centro da cidade. As legitimações para extinguir os mocambos foram inúmeras, e muitas delas foram feitas por pessoas consideradas de intelecto, mediante a afirmações pautadas na “ciência”. De acordo com Michelle:

Os engenheiros, médicos, juristas e planejadores urbanos brasileiros não fugiam do padrão de preconceito racial e social que então caracterizou suas profissões, e as políticas que implementavam muitas vezes serviam para aprofundar as desigualdades do país. 35 Engenheiros e planejadores

urbanos atuavam em cooperação com especuladores imobiliários e promoveram reformas radicais sem levar em consideração as comunidades e os costumes dos moradores pobres; médicos sanitaristas invocaram a ciência médica em nome do combate a doenças que matavam desproporcionalmente os brancos, ignorando a tuberculose e outros flagelos endêmicos que acometiam os brasileiros pobres e afrodescendentes. (MICHELLE, 2020 p.10).

O preconceito contra os mocambos existentes no Recife vai além de questões higiênicas e das deficiências estruturais que esses locais realmente enfrentavam. O preconceito era algo que está intrinsecamente ligado às raízes recifenses com a escravidão. Uma classe social que, em sua maioria, conseguiu bens materiais em medida da utilização do sistema escravocrata, não mudaria suas concepções de uma hora para outra em relação aos negros, onde eram maioria nos mocambos da época e hoje em dia nas comunidades. Somada a essas situações, está a questão imobiliária. Os locais em que os mocambos estavam eram de interesse da alta sociedade para construções de inúmeras obras de modernização do Recife. Para tal, a criação de mecanismos de estatais foi de extrema importância para o cumprimento das vontades da alta sociedade.

Sobre um dos mecanismos, Souza (2005, p. 51) leciona que:

Os conflitos fundiários da ocupação informal do Recife remontam ao início do século XX, e se ampliam no final dos anos 30, ocasião em que o governo estadual - à frente o interventor Agamenon Magalhães - começou a intervir de forma mais clara nos padrões de uso do solo e das áreas a serem urbanizadas. Foi criada, então, a “Liga Social Contra o Mocambo” financiada pelo Governo do Estado e contando com contribuições de empresas e entidades classistas. A partir de então, ocorreu o combate ao mocambo realizado pela mencionada “Liga”, objetivando a implementação da política de erradicação dos mocambos (...).

Esses mocambos evidenciaram um outro Recife que muitos da classe alta sentiam vergonha. As pessoas que por aqui passaram na época não podiam deixar de notar a dualidade existente. As luzes e construções esbeltas que estavam espalhadas pelos 3 núcleos que formavam o Recife entraram em contraste com as construções de palafitas e outros materiais utilizados para construir moradias. De certa forma, esses contrastes ainda estão evidentes mesmo após muitos anos, com a dualidade territorial permanecendo presente na vida dos brasileiros.

Na década de 40, o Poder Público estadual, através da Liga Social Contra o Mocambo, e com o apoio de iniciativa privada, promoveu, uma campanha cuja perspectiva era livrar o Recife da paisagem desagradável dos

mocambos nas zonas centrais. Isto provocou, por um lado, a recuperação da maioria dos terrenos alagados do centro da cidade e, por outro, a transferência compulsória de grandes contingentes da população para a periferia do Recife em morros e córregos que circundavam a planície da cidade. Desses morros, os de Casa Amarela — Santa Izabel, Alto da Esperança, Alto da Conceição, Alto José do Pinho, etc., foram os primeiros a serem densamente ocupados. (SOUZA, 2005, p.59)

Por inúmeras ações do estado, os mocambos recifenses foram destruídos e a maior parcela da população recifense que residiam nesses locais tiveram que buscar um novo lar para viver. Um deles foi no território do bairro de Casa Amarela, o Alto Santa Isabel, tendo o seu início retratado por diversos autores no início do século XX.

3.3 Formação de bairros no Recife

A vida urbana no Recife cresceu sobre uma sequência histórica que fez com o que Recife se expandisse para todos os lados e começasse a tomar a forma no qual tem hoje em dia. Inúmeros bairros, ruas, nomenclaturas destes permanecem os mesmos (figura 2).

Figura 2: Planta do Recife em 1956

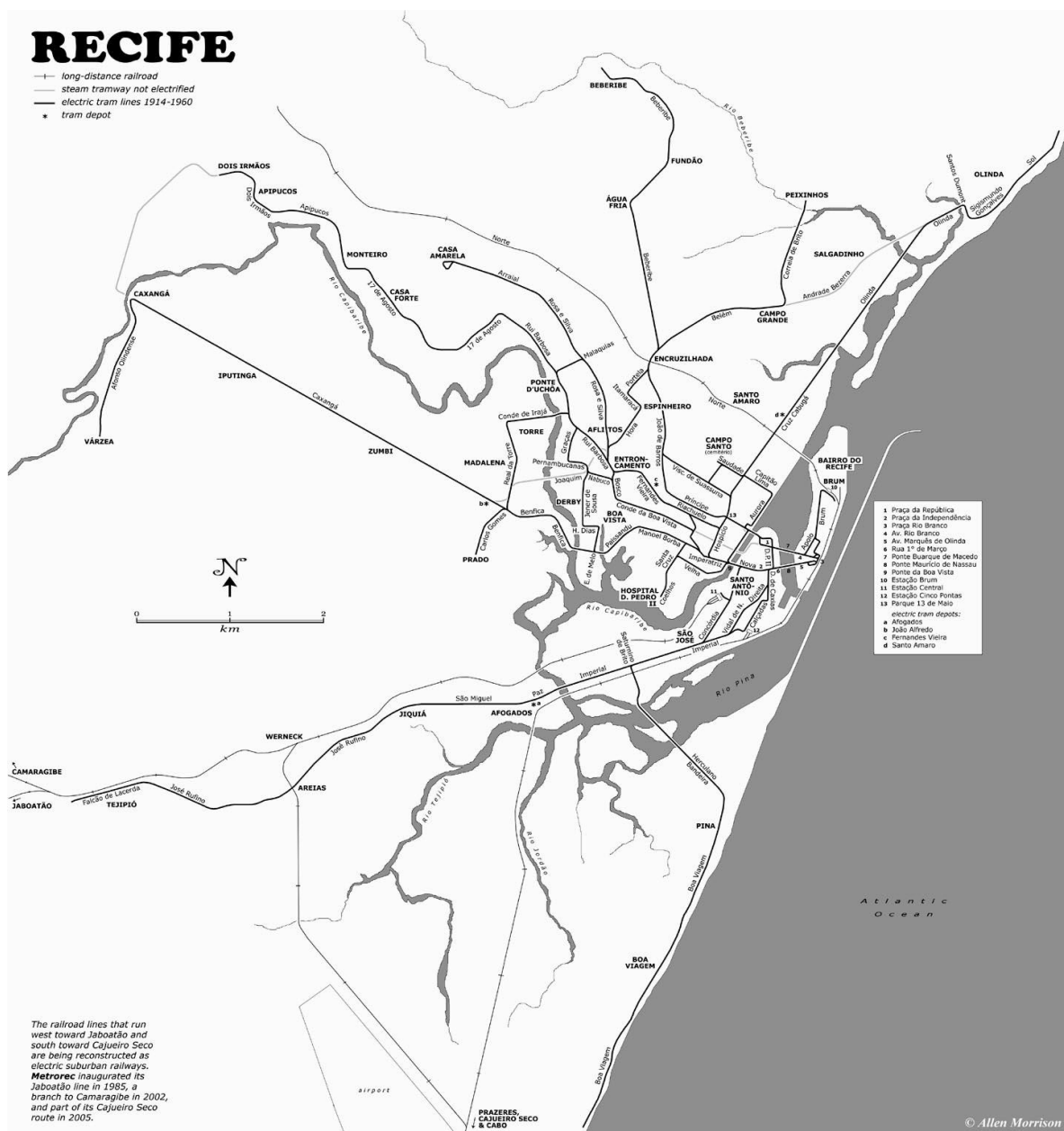


Fonte: Laboratório Topográfico de Pernambuco

A sequência que mais abrange os motivos da grande expansão, criação de bairros, aumento territorial e demográfico nas áreas recifense, foram o fim da escravidão, fim dos mocambos, exodo rural, grandes taxações de terras e poucas oportunidades de empregabilidade. A história contemporânea nos mostra que as migrações da massa pobre obedecem a alguns fatores, como: migração para locais com empregabilidade ou locais propícios à construção de moradias. Tais fatores explicam porquê a maior parte da população do Recife se encontrava nas condições descritas na décadas posteriores ao fim da escravidão, especialmente no período pós-mocambo.

O fim da escravidão foi um marco extremamente importante para a demografia brasileira, onde a maior parte da população residente pode se libertar e buscar novas oportunidades de melhorias de vida. A destruição dos mocambos nas áreas centrais do Recife fez com que mais da metade da população tivesse que buscar outro local para viver, e é nesse momento que o Recife cresce de vez para todos os lados. Os bairros como Casa Amarela e o Ibura cresceram de maneira explosiva nesse momento histórico, em grande parte devido às suas facilidades mobilísticas. Somado a tudo que já estava ocorrendo, o êxodo rural também foi um grande agente na produção de engrandecimento de um bairro ou na criação de bairros, afinal, eram mais pessoas na cidade precisando de um local para viver. O rápido crescimento demográfico na cidade do Recife e aos novos tipos de serviços devido a queda da produção de açúcar fez internacionalizar a economia. Um outro ponto importante foram as novas formas de transportes, como o ferroviário e maxambombas, grandes agentes de produção urbana (figura 3).

Figura 3: Representação das linhas férreas da cidade nos anos de 1914 a 1960.



Fonte: Laboratório Topográfico de Pernambuco

Esses fatores foram imprescindíveis para a interiorização da cidade do Recife e criação de novos bairros para a cidade. A maioria dos locais em que a população pobre do Recife foi se instalar, foram locais que contém histórico proveniente dos antigos engenhos e usinas da cidade. O bairro de Casa Amarela está situado dentro de um antigo engenho, o São Pantaleão do Monteiro, também conhecido em um momento histórico como terra de ninguém. Segundo Souza (2005, p.75) “A ocupação das “Terras de Ninguém”, em Casa Amarela, desde o princípio, ocorreu

mediante o pagamento do foro, “aluguel do chão”, como se cobrava da Terra Pública e da Igreja.” .Vale ressaltar que houve inúmeras batalhas urbanas, judiciais, para obter o acesso ou mantimento ao terreno de ocupação dos morros.

A grande parte da população menos favorecida economicamente, em sua maioria pessoas negras e pessoas provenientes do êxodo rural, encontraram nas áreas de morros do Recife um local para construir seus lares e assim viver. Vale ressaltar que as áreas de morros correspondem a mais de 70% da área da cidade do Recife. Não é atoa que ao olhar para a cidade do Recife nota-se sua grande e histórica arquitetura urbanística, além da predominância de pessoas com menos poder econômico morando em localidades de áreas de morro. Enquanto isso, as áreas planas são dominadas por pessoas com poder econômico muito maior e em sua maioria pessoas brancas.

4 FORMAÇÃO DO BAIRRO NÃO INTITULADO DO RECIFE E SEUS ENTORNOS.

4.1 Formação de Casa Amarela

O bairro de Casa Amarela começou a se formar na invasão holandesa em 1630, onde o general Matias de Albuquerque construiu o Forte Real do Bom Jesus para a segurança dos considerados “arrabaldes” de Recife e Olinda. Com a construção do forte, acabou-se formando um povoado que continha o exército e a população Recife e Olinda, que haviam fugido de suas casas e demais localidades por conta da invasão holandesa no território da capitania hereditária de Pernambuco. Nesse contexto, o início de Casa Amarela remonta ao tempo do Brasil colônia, escravista. Mesmo com a expulsão dos holandeses, muitos daqueles que haviam se agrupado no território de Casa Amarela continuaram no local.

O grande aumento quantitativo no território de Casa Amarela se assemelha a vários outros bairros do Recife. A maior parcela da população do Recife estava concentrada dentro das áreas de mocambo, e com o fim dos mocambos, tiveram que se realocar em outras áreas do Recife. A grandiosa população mocambeira começou a dominar áreas que não estavam dentro dos enfoques das iniciativas privadas e estaduais. Tais áreas, em sua maioria, eram áreas de morro do Recife, como a do território do Alto Santa Isabel. Um dos condicionantes para Casa Amarela ter a população residente que tem hoje, foi ela conter uma linha férrea na avenida norte, mesmo ela sendo de carga e com destino a outras localidades, os mocambeiros e demais pessoas utilizaram os trem de carga como forma de transporte de passageiros e, assim, as áreas de morro de Casa Amarela e áreas que margeavam a linha férrea tiveram um crescimento maior do que outras áreas de morro do Recife.

Sobre a formação de Casa Amarela, o autor Souza (2005, p. 72) leciona que:

A aceleração no processo de ocupação dos morros de Casa Amarela (ao norte da Av. Norte) iniciou-se nos anos 40 como resultado da política de erradicação dos mocambos nas áreas centrais da cidade, promovida pela campanha da Liga Social Contra o Mocambo, no governo do interventor Agamenon Magalhães. Ao longo da década de 1950, ocorreu maior concentração em torno do mercado público e o espraiamento de uma ocupação sem alinhamento e sem regularidade característica de mocambos, subindo os morros da Conceição, Alto José do Pinho, Alto José Bonifácio, Alto do Mandú, Alto da Esperança e Alto da Favela, e descendo pelos córregos do Euclides, Zeca Tatu, Saudade e Zé Grande. O bairro de

Casa Amarela apresentava no ano de 1960, 114,97 hab./ha., a mais alta densidade da cidade (SOUZA et al, 1984).

O nome do bairro é proveniente da relação do rico português, Joaquim dos Santos Oliveira e da estrada de ferro do Recife que havia na localidade. O português havia se mudado para o local conhecido popularmente de Arraial, onde o seu médico o havia aconselhado a residir para poder ajudar na cura da doença de sua tuberculose, pelo fato dessa localidade ter sido considerado um local mais ameno e com isto ajudaria no tratamento. Em um determinado momento, o português mandou construir uma casa e pintá-la de amarelo, esta casa (figura 4) estava localizada no fim da estrada de ferro do Recife, onde passou a ser referência, e com isto, o nome do bairro se originou.

Figura 4: Casa que deu nome ao bairro de Casa Amarela



Fonte: Autor, 2024

Atualmente, o bairro de Casa Amarela está dentro da região política administrativa de Recife, RPA 3. De acordo com o censo do instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) de 2010, a maior parte da população residente em Casa Amarela são de pessoas brancas e em segundo lugar estão as pessoas pardas. Também de acordo com esse censo, a renda média mensal dos domicílios de Casa Amarela é de 4.236,69 reais. A disparidade econômica transformada em números deixa explícito a segregação econômica neste bairro, um grupo seleto tem capital tão alto onde faz parecer que todos têm, escondendo através de notas, dados e notícias a face real de um território dominado por grupos pobres. Com apenas 6,66% o preto fica em 3 lugar neste bairro, vale ressaltar que em pesquisas desse caráter, a pessoa que se identifica em qual etnia racial se insere, e em um país com histórico colonialista extremamente intrínseco a sua formação, a probabilidade de depressão de seu tom de pele é extremamente alta, pois "(...) a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de "exclusão". Ser negro é ser excluído." (MUNANGA, 2009, p. 11). Nesse sentido, se auto declarar negro se torna uma luta extremamente difícil. A maior parcela da população negra de Casa Amarela está concentrada dentro de uma área estratégica do bairro, sendo ela a área de morro, conhecida como Alto Santa Isabel.

4.2 Formação do Alto Santa Isabel

A formação do Alto Santa Isabel seguiu por um contexto de causas parecidas com o início de dezenas de bairros recifenses. Ele foi uma das áreas de morro onde houve uma maior explosão de pessoas devido a sua concentração estratégica e alguns outros fatores que ocasionaram essa demanda pela área: antiguidade, mobilidade, lazer e questões econômicas. Em uma de minhas conversas com moradores antigos do Alto Santa Isabel, o morro do Alto Santa Isabel já era ocupado bem antes do fim da escravidão. É dito que inúmeros escravos libertos ou aqueles que ganharam suas cartas de alforria já ocupavam a área. Uma das principais lutas que os moradores do Alto Santa Isabel relataram foram as lutas pela terra. O Alto Santa Isabel, historicamente está dentro de região conhecida por ser terra de ninguém, estando os moradores pagando o chão, temendo elevação do preço do aluguel e ao mesmo tempo lutando pelo direito dela. Hoje em dia, inúmeros moradores têm, através de muita luta, a escritura de sua propriedade.

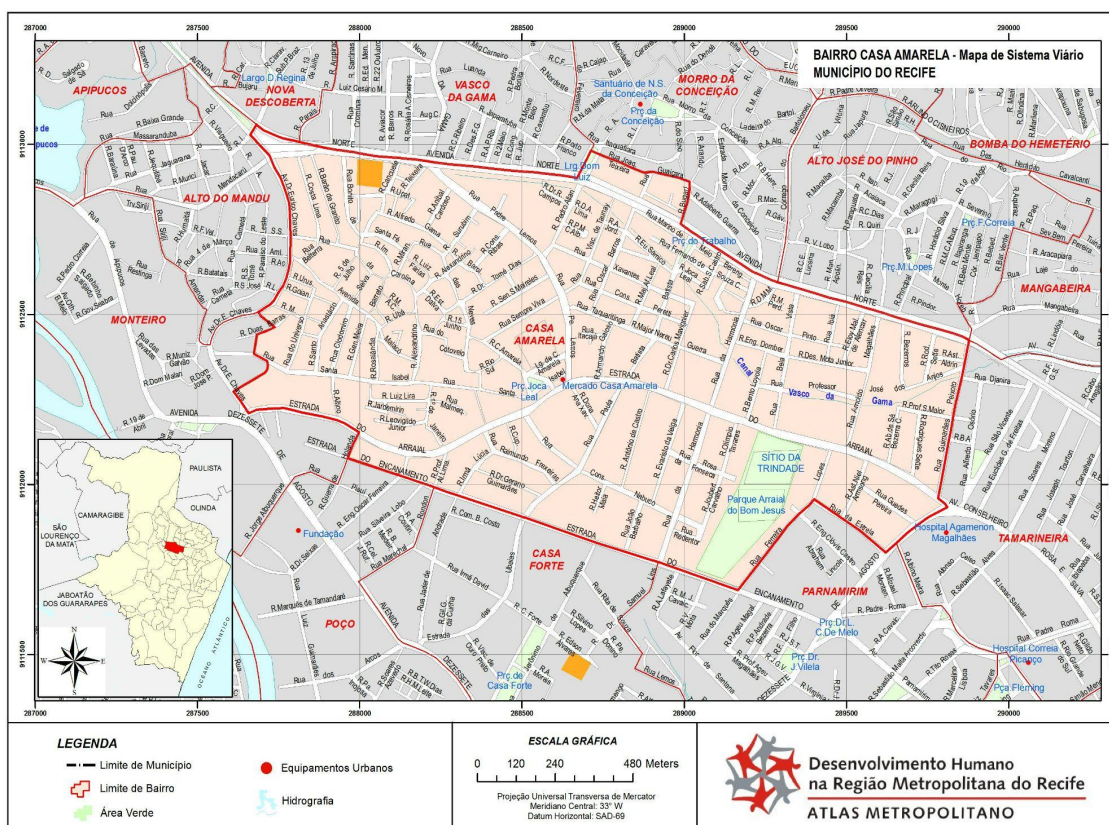
A história e o movimento social urbano pela posse de terra, as lutas e reivindicações populares, as formas de organização que nasceram na periferia, o cotidiano de um povo que na sua resistência e perseverança constrói a sua sobrevivência, é a própria história do povo que habita as áreas em conflito. (SOUZA, 2005, p. 73).

A questão da mobilidade segue um contexto que favoreceu inúmeras áreas de morro próximas de Casa Amarela, que conseqüentemente favoreceu a chegada dos mocambeiros ao Alto Santa Isabel. O lazer também pode ser enquadrado como uma forma de atrair pessoas devido a necessidade humana de relaxar, e uma das áreas de Recife que justamente tinha essa fama era e é a área do sítio da Trindade. Nos dias atuais, tal local é frequentado por inúmeras pessoas do Recife pessoas para relaxar, buscar se conectar à natureza em meio ao caos urbano. Em contraste com essa busca pelo sítio da Trindade, os moradores relataram que naquela época, o povo que morava no Alto Santa Isabel desciam constantemente para o sítio da Trindade para atos recreativos, coisa que hoje em dia não acontece tanto quanto antes. A oportunidade de trabalho e consumo que o bairro de Casa Amarela ofertava foi um dos principais atrativos para as pessoas, tanto nas áreas ricas quanto nas áreas de morro. Inaugurado em 1930, ano em que ganhou força as grandes migrações internas no Recife, o mercado de Casa Amarela ofertou empregabilidade e consumo. Toda área próxima ao mercado se tornou uma área de vendas e de compras, produzindo um fluxo econômico importante para as regiões próximas. Essa situação se encontra nos dias de hoje, onde muitas pessoas da área dizem ser uma mini Boa Vista. O mercado de Casa Amarela está praticamente na subida de um dos pontos que dá acesso para o Alto Santa Isabel, também um ponto importante para uma grande densidade de pessoas desde a formação do território.

O território do Alto Santa Isabel está situado em uma das maiores dualidades territoriais do Recife, onde, de um lado, há bairros em áreas de morro mais pobres e, do outro, bairros planos mais ricos. Em conversas com amigos que moram em bairros próximos ao bairro de Casa Amarela e ao Alto Santa Isabel, uma delas exemplificou, através de sua vivência, a extrema dualidade territorial entre a parte plana e a parte do morro. Ela, moradora de Nova Descoberta, área de morro próximo ao alto Santa Isabel, contou que seu namorado, que vive no Alto Santa Isabel, mencionou que suas correspondências chegavam com o nome do bairro de Casa Amarela, e não com o nome do Alto Santa Isabel. Até então, ela imaginava

que o Alto Santa Isabel era um bairro, não um território dentro de outro bairro. Inúmeros debates foram realizados entre eles e uma grande tentativa de relacionar uma parte com a outra, por fim, ela demorou a aceitar que o Alto Santa Isabel faz parte do bairro de Casa Amarela. Esse fato só reforça a concepção da dualidade ser tão extrema, que faz com que as pessoas não consigam relacionar uma parte com a outra. O plano e o morro entram tanto em contraste que fica difícil visualizar um bairro só. Como dito antes, o território do Alto Santa Isabel está inserido em uma gigantesca dualidade territorial, através da figura abaixo, consegue-se observar ainda mais tal fenômeno.

Figura 5: delimitação da área que compõem o bairro de casa amarela em 2010.



Fonte: Prefeitura do Recife

Através dessa figura fica evidente a invisibilidade e dualidade territorial que o Alto Santa Isabel está inserido. Quando se observa o mapa e olha para a parte superior, situam-se os bairros com áreas de morro, majoritariamente negros e mais pobres, como por exemplo o Vasco da Gama e o Morro da Conceição, enquanto as áreas mais baixas encontram-se bairros planos, majoritariamente brancos e com índices econômicos altíssimos, como por exemplo, os bairros de Casa Forte e

Tamarineira. A questão racial, social entra e influencia para quais locais os moradores do Alto Santa Isabel vão. A interação é muito mais forte em áreas onde são mais equivalentes em questões econômicas, sociais e raciais. Exemplos podem ser deferidos da minha rede de solidariedade do Alto Santa Isabel, onde já me foi relatado, através de diálogos, que é muito mais fácil ir para o bairro do Vasco da Gama do que para outras áreas planas que ficam ao redor do Alto Santa Isabel. A lei urbana que emprega um padrão de vestimenta, de fala e de cor, faz com que inúmeras pessoas deixem de pisar em certos lugares por medo de represálias, olhares maldosos de pessoas que, em alguns casos, até se dizem não racistas. Nesse contexto, pode até empregar-se a minha vivência nos bairros de Casa Forte, onde através do não enquadramento social que ela impõe, a permanência no local se torna mais difícil. Afinal, deslocar-se em uma área onde olhares relatam a insatisfação de sua presença. Normalmente, os moradores do Alto Santa Isabel, ou de outros bairros adjacentes, só vão para áreas como os bairros de Casa Forte ou Tamarineira, para ofertar seus serviços. No contexto de serviçal, a permanência se torna mais fácil, afinal, alguém precisa levar as comidas, bebidas e etc.

Outra coisa bem importante que este mapa evidencia é a dualidade que a Avenida Norte corta ao meio. Por grande parte de seu trajeto, a Avenida Norte corta ao meio as partes planas e áreas de morro. Por uma boa parte do trajeto, fica evidente a questão de dualidades territoriais, podendo ser deferidas diferenciações em tipos de moradias, a moradia verticalizada nas áreas planas, o domínio social que ela emprega e o tipo de moradia que consta nos morros. Isso não é à toa, é uma consequência de fatores históricos que influenciaram e moldaram a paisagem urbana e as vidas de inúmeras pessoas.

4.3 Descrição do Alto Santa Isabel

O Alto Santa Isabel localiza-se em uma área de morro do bairro de Casa Amarela que faz parte de umas zonas espaciais de interesse social (ZEIS) do Recife. Essa área tem saída para áreas de Casa Amarela rica, Avenida Norte e outros bairros, como o do Vasco Da Gama. Quem vem pela Avenida Norte do Recife e desce próximo à entrada da Avenida Vasco da Gama e deseja entrar em Casa Amarela pela rua Padre Lemos, consegue observar, mesmo de longe, os grandiosos edifícios da parte mais forte econômica do bairro de Casa Amarela.

Figura 6. Rua padre Lemos



Fonte: autor, 2024

Em algumas das entradas da rua Padre Lemos para o Alto Santa Isabel, é possível notar uma subida econômica no qual pode ser demonstrada através de habitações e políticas públicas. Até um certo limite da subida do morro, as casas são grandiosas e as políticas são evidentes nesse trecho, contendo ruas sem nenhum tipo de infiltração de solo, buracos. A escalada econômica termina ao chegar próximo da área mais acima do morro, onde as casas largas dão lugar para casas menores e mais próximas de si, ruas mais estreitas e com notadas faltas de ações governamentais de gestão pública nesta localidade do morro. Essa escalada econômica também é uma forma de evidenciar a dualidade territorial, onde em uma subida as coisas mudam drasticamente. A desigualdade social muda de uma parte para outra.

As ruas que evidenciam uma verdadeira escalada econômica são: Rua Aníbal Cardoso; Rua Surubim; Rua Conselheiro Ribas; Rua Dr. Tomé Dias; Rua Senador Soares Meireles e Rua Sempre Viva. Elas percorrem o início do centro e chegam perto do fim da rota de lojas de vendas em Casa Amarela. Essa localidade comercial

de Casa Amarela é frequentada por praticamente todos os outros bairros de classe média e classe baixa, localizados em áreas adjacentes. Essas ruas apresentam o mesmo padrão de casas, ruas largas e com evidente organização e tratamento governamental. A figura a seguir demonstra um pouco desse padrão.

Figura 7: rua conselheiro ribas



fonte: Autor, 2023

Essa foto foi tirada no começo da subida da Rua Conselheiro Ribas, nela consegue-se notar casas relativamente grandes, um certo alargamento de rua e uma certa limpeza na rua proveniente de ações públicas. As ruas que foram citadas acima, seguem o mesmo padrão, sendo elas uma grande prova de uma subida econômica e social de Casa Amarela plana para o Morro do Alto Santa Isabel. Em menos de 1 quilômetro de subida muita coisa muda até chegar no topo do morro. Os sentidos, meios econômicos e sociais são outros, praticamente um novo bairro surge.

Ao subir qualquer uma das ruas citadas acima, qualquer pessoa chegará ao Alto Santa Isabel, um local único dentro do bairro de Casa Amarela. De acordo com o senso popular, o Alto Santa Isabel é um das áreas que contêm uma das maiores

quantidades de moradores e uma evidente rede de solidariedade. Eles seguem um certo padrão de solidariedade de morros: todos se conhecem, pelo fato de muitos morarem lá desde pequenos e com familiares com residências próximas; times de futebol do morro, onde jogam entre si e contra outros morros, elevando a rivalidade e solidariedade entre as comunidades; siglas que representam o morro.

As características urbanas da V.S. (vândalos do spray), sigla usada por muitos para se referir ao Alto Santa Isabel, segue um padrão comum de urbanização de morros. Entre essas características, estão, casas com poucos cômodos e, na maioria das vezes, sem garagem, fazendo com que os carros e motos fiquem estacionados nas ruas em frente às residências, supermercados e afins. Somados as ruas estreitas e uma grande circulação de automóveis, acaba gerando engarrafamentos quase todos os dias. Muitas casas estão localizadas em áreas de risco, com partes de barreiras ainda não estabilizadas, o que compromete a integridade física dos residentes. Há também necessidade de melhorias nas ações de caráter público. O Alto Santa Isabel possui um fluxo interno de mercadorias diversas atendendo as necessidades como alimentação, frequentemente suprida dentro do próprio local. Além disso, conta com um terminal de ônibus convencional, diferente de muitos outros altos da zona norte do Recife, como o Alto da Favela, área de morro do Vasco da Gama.

De acordo com os moradores mais velhos da localidade, uma das construções mais antigas do Alto Santa Isabel são as suas duas igrejas católicas, sendo elas construídas no início da ocupação do morro. Esse tipo de construção é identificado em inúmeras outras áreas de morro do Recife, inclusive no Vasco da Gama. Este morro conta com um emaranhado de ruas, sendo essa uma diferenciação de muitos morros adjacentes. A principal rua do morro leva o seu nome, assim como o ônibus do território, que segue pela rota 521 do grande Recife.

A paisagem do Alto Santa Isabel a todo momento está em contraste com os grande edifícios de Casa Amarela plana, como mostra a figura a seguir:

Imagem 8: Alto Santa Isabel x Casa Amarela



Fonte: Autor, 2023

Por razões de diversas lutas ao longo dos anos, muitas barreiras que estão na área de morro do Alto Santa Isabel estão cobertas e com moradias, muitas delas dão de frente com a habitação verticalizada de Casa Amarela plana e são uma das formas visíveis da dicotomia econômica e social entre a área de morro e área plana.

4.4 Alto Santa Isabel, sua rede de solidariedade e dinâmica com outros morros

Ao longo dos anos, uma rede de solidariedade foi formada em diversas comunidades no Brasil, sendo proveniente dos quilombos. Essa rede de solidariedade foi importante para a sobrevivência de inúmeros ex escravos, libertos, indígenas e todos os que continuavam nos quilombos. Foram desenvolvidas inúmeras técnicas de sobrevivência, uma delas foi o desenvolvimento de uma verdadeira rede de informações que salvaram por muitas vezes os quilombos de ataques, pois os quilombolas descobriram os ataques e tinham um tempo muito maior e importante para traçar planos de contenção, assim evitando de serem derrotados. Essa e outras formas de redes de solidariedade foram se desenvolvendo ao longo dos anos, classes sociais mais baixas as utilizam para poder se resguardar de inúmeras injustiças históricas, contemporâneas, e lutar por direitos. Uma das grandiosas lutas foram pelas terras devolutas (devolvidas).

A rede de solidariedade do autor no território do Alto Santa Isabel resultou em inúmeras informações privilegiadas sobre o local, a sua história, modo de vida, percepção das dualidades e dezenas de outros aspectos que foram imprescindíveis para o presente estudo. Tal rede foi iniciada ainda no tempo de escola, futebol, onde através de tais núcleos integradores, fiz amizades e elas evoluíram para familiares e conhecidos dos respectivos amigos (a) que fiz em minha trajetória de vida. Da mesma forma que um morador do Alto Santa Isabel se sente mais à vontade para ir para o Vasco da Gama, o morador do Vasco da Gama se sente mais à vontade para ir para o Alto Santa Isabel do que para o bairro de Casa Forte ou a área plana do bairro de Casa Amarela.

No Alto Santa Isabel, a rede de solidariedade se torna complexo por inúmeros fatores: familiaridade em grandes quantidades no alto; afetividade entre moradores, muitos cresceram juntos e isso gera uma intimidade que os fazem família; luta por bem comum, um exemplo pode ser deferido por uma luta de cobertura de barreira ou uma rua melhor asfaltada. A rede de solidariedade é complexa e pode ser identificada de inúmeras formas, informação, resgate de alguém que precise em caso de deslizamento de barreiras ou nas ajudas mútuas para construção de uma casa, onde foram relatados que em um momento de “bater a laje” se chama os amigos e no final tem feijoada. Tudo isso está presente na historicidade que me foi relatado por moradores mais velhos do Alto Santa Isabel.

Os grandes morros que são adjacentes do Alto Santa Isabel são áreas que tiveram seu início na mesma época que o Alto Santa Isabel, desta maneira eles tiveram que realizar quase as mesmas lutas, sendo que o bairro com maiores índices de organização social tiveram as melhores conclusões de suas respectivas solicitações. O fator organizacional do Alto Santa Isabel foi importante para as reivindicações de obras públicas, como por exemplo, obras em barreiras, obras essas que ainda precisam ser realizadas em muitas áreas de morros do Recife.

As relações sociais do morro são mais fáceis com outros morros, principalmente entre os próximos, exceto quando os seus respectivos líderes do crime estão em guerra ou quando os bairros são inimigos nos antigos bailes funk que aconteciam no Recife. O Alto Santa Isabel, por exemplo, tem uma certa rixa com o Vasco Da Gama, que foi criado nos antigos bailes funk recifenses. Inúmeras músicas citando esses confrontos foram feitas e também foi-me relatado, através de conversas com pessoas mais velhas do Alto Santa Isabel, esses confrontos. O futebol também aparece em forma de evidenciar essas rixas, onde times do futebol do Alto e do Vasco se enfrentam, a coisa esquentando. Uma vez presenciei tal jogo em um torneio em um society, era visível e sonoro as provocações entre os times, entre os territórios. Porém, mesmo com essas rixas criadas a bastante tempo, o fluxo social e racial, é muito maior com o Vasco Da Gama do que com as outras áreas planas que compõem a Casa Amarela. A questão da raça, social e econômica são importantíssimas para que haja um fluxo de pessoas em um determinado território. Normalmente, quanto mais uniforme for, maior será o fluxo.

Um dos aspectos que também justifica e caracteriza o Alto Santa Isabel como um bairro é o seu comércio, onde a organização econômica do Alto Santa Isabel é complexa e consegue abastecer os moradores da localidade. O comércio oferece inúmeros tipos de vendas, saúde, alimentício, beleza e entre outros. Os moradores do território não precisam ir para outros locais para suprir certas necessidades.

Casa Amarela Plana e o Alto Santa Isabel diferem em inúmeras questões que acabaram fazendo que o fluxo interno de pessoa entre esses territórios fossem baixíssimos. Essa dualidade territorial histórica geraram uma regra silenciosa no bairro, fazendo parecer que são bairros distintos de si.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Alto Santa Isabel é um verdadeiro bairro dentro do bairro de Casa Amarela, tendo seus fluxos comerciais próprios, identidade territorial e com uma rede de solidariedade no qual historicamente foram formas de sobrevivência entre os grupos mais pobres da sociedade brasileira. Casa Amarela e Alto Santa Isabel divergem não somente em questões visíveis de cor de pele ou questões de poder aquisitivo, como também em estilos de vida. Cada território tem o seu modo de vestir, falar ou agir. Cada um com sua lei. O Alto Santa Isabel é um bairro não intitulado pelo Recife, onde apresenta uma verdadeira amostra da história do Recife, onde suas lutas urbanas, questões de políticas públicas que divergem de maneira abrupta dentro do bairro, preconceitos e segregações representam muitos outros locais do Brasil. Do plano para o morro muita coisa muda.

Diante de tais contrapontos territoriais, sociais e raciais presentes na atualidade entre o Alto Santa Isabel e Casa Amarela plana, se faz necessário um olhar mais aguçado para o passado do Recife, pois os desdobramentos que ocorreram na cidade foram de extrema importância para a formação de Casa Amarela e o Alto Santa Isabel, e nessa formação, está intrínseca inúmeros problemáticas que percorreram séculos. Diante disso, necessita-se um olhar crítico sobre o racismo estrutural, formações de segregações não oficiais históricas e contemporâneas, racialidade e solidariedade na produção do espaço urbano e como isso vem repercutindo ao longo dos anos na grande diferença territorial, social e racial em um mesmo bairro. Os aspectos do bairro Casa Amarela e o Alto Santa Isabel representam mais de 500 anos de Brasil.

A grande maioria dos problemas que são vistos nos dias de hoje, são oriundos do passado da região. O que foi cultivado, implantado e regado no solo desta região, deste país, pode ser observado em forma de: racismo ambiental, onde pessoas que moram nas áreas planas não tem medo da chuva, porém, quem mora no morro, e sua barrera não devidamente coberta, por conta da falta de políticas públicas, não dormem bem à noite; segregação socioespacial, Alto Santa Isabel e Casa Amarela plana; falta de políticas públicas de qualidade para muitos e em grandes quantidades para pouco, o morro falta água e os prédios desperdiçam. A urbanização racista esqueceu dos negros na idealização da cidade, menos em precisar de seus trabalhos braças. Inúmeros outros preconceitos evoluíram e se

problematizam ainda mais. Os solos regados aos preconceitos ditos acima, deram frutos em inúmeras paisagens, dualidades territoriais, mesmo ela sendo em um curto quilômetro de extensão, podendo até mesmo, ser um bairro, onde a parte plana é um tipo de vida, e a parte de morro, é outro de tipo de vida.

Desde a invasão dos portugueses em solo Brasileiro, a escravidão dos negros, a invasão holandesa em solo pernambucano, o fim da escravidão, cultura do café com leite, república, ditadura e república novamente, muita coisa mudou em questões organizacional do poder, a única coisa que não mudou foi a luta pelos menos favorecidos a uma habitação digna ou a cor das áreas menos favorecidas nas cidades brasileiras. O estudo do passado, a busca do entendimento do presente, faz com que inúmeras coincidências sejam tratadas como causas de acontecimentos que se entrelaçam e moldam a vida de inúmeras pessoas na sociedade brasileira, na vida dos moradores de Casa Amarela e na dos moradores do Alto Santa Isabel.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, A. **DO QUILOMBO À FAVELA**. tese de mestrado, geografia, universidade federal de pernambuco, 2005.

MAIA, B. H. **De chapéu do sol a água fria**: numa trama de enredos, a construção da identidade de um bairro na cidade do recife. Pernambuco, Recife/ 2010. tese de mestrado, geografia, universidade federal de Pernambuco, 2010. acessado em 4 de outubro, https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6531/1/arquivo496_1.pdf

MICHELLE, B, F. A ética do silêncio racial no contexto urbano: políticas públicas e desigualdade social no Recife, 1900-1940. **Anais do museu paulista – vol. 28, 2020**. <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d1e15>

MUNANGA, K. **NEGRITUDE - USOS E SENTIDOS**. Edição 3. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

SANTOS, M. A. **MANUAL DA GEOGRAFIA URBANA**. São Paulo, Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, MILTON ALMEIDA dos. As cidadanias mutiladas. *in*: LERNER, Julio. et al **O PRECONCEITO**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997. 133-145.

SANTOS, Renato Emerson dos. Sobre espacialidades das relações raciais. *In*: SANTOS, Renato (orgs) et al. **QUESTÕES URBANAS E RACISMO**. Edição 1. Brasília, Petrópolis, 2012. p. 36-68.

SOUZA, I. **REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA DAS “TERRAS DE NINGUÉM” A Semi-Formalização em Novas Bases**. tese de mestrado, geografia, universidade federal de Pernambuco, 2005. acessado em 16 de outubro, <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp027824.pdf>